

A necessidade de se preparar para o futuro

As novas perspectivas indicam que o aluno necessita de uma formação ampla

JOSÉ ATILIO VANIN

Ao preparar-se para o futuro, o jovem precisa saber qual é o futuro à sua frente. Até a década de 80, podia pensar que tal preparo restringia-se a imitar os pais ou pessoas bem-sucedidas. Significava, na maior parte dos casos, cursar uma faculdade, pois o diploma bastava como passaporte para a classe média e garantia de um bom emprego. A realidade dos anos 90 é que o emprego está extinto e o que se exige

é a capacidade empreendedora num mundo que terá meios de produção globalizados e oferta ferozmente competitiva de serviços.

A palavra "emprego" precisa ser riscada dos manuais escolares e sermões paternos, substituída por "atividade". Novas áreas de atividade estão se desenhando. "Inovação" e "iniciativa" são motes para o sucesso pessoal e profissional. E um ponto importante: não basta sair atrás da coisa, será preciso criar a novidade.

É indispensável, portanto, que a discussão não se restrinja a quais disciplinas ou conteúdos o aluno deve aprender, mas que se estabeleça, de modo bastante claro, quais são os comportamentos, as atitudes e a visão integradora que deve cultivar. As

novas perspectivas indicam que o aluno necessita uma formação a mais ampla possível, que se estenda do domínio das ciências básicas e humanas até uma compreensão geral da arte, especialmente tendo em vista que o ponto mais atraente da arte é que é expressão da criatividade. Com essas considerações, fica patenteado o primeiro desafio que se apresenta à formação do educando de hoje, que consiste em habilitá-lo a vivenciar ciência e arte no seu cotidiano e a capacitarlo a inovar.

Ao trinômio arte, ciência e educação se adiciona outro — ciência, economia e comunicação —, que expressa interdependências contemporâneas e é indispensável em sala de aula, quando o objetivo é prepa-

rar o aluno para o futuro. As relações exploradas no segundo trinômio são complexas, mas têm constituído a força motora das transformações políticas e socio-econômicas.

O jovem precisa saber que, quando se fala em ciência, o que se concebe é tecnociência, o resultado da união da ciência com a tecnologia, mantido por meio da pesquisa e da figura do cientista. Não subsiste mais uma visão rançosa — que, infeliz-

mente, ainda impera em alguns setores da universidade e de órgãos públicos de fomento à pesquisa — de que há uma ciência pura e outra aplicada. Ao longo do século 20, o tempo entre o estabelecimento do avanço científico e sua incorporação ao setor produtivo cresceu, década após década. Por outro lado, a indústria deixou de ser a grande fonte de empregos, pois com a automação usa cada vez menos gente.

Terças como alternativas energéticas e o papel do engenheiro são substituídos por outros nos países que vivem a era pós-industrial, onde se valorizam tópicos como informação e descoberta de novas fronteiras do conhecimento. Nesses centros, a sociedade reconhece como atuação importante a do cientista, pois é através dele que os avanços tecnocientíficos se concretizam e atingem o público. Ora, não é possível formar um cientista em curso de graduação. São indispensáveis elaborados programas de pós-graduação.

Economia — como economistas gostam de dizer — é a ciência da administração dos recursos escassos. Num mundo de 6 bilhões de habitantes tudo escasseia, alimentos ou matéria-prima. Dinheiro, então, nem pensar. Mas riqueza ou bens de capital obedecem a leis mínimas de conservação que não podem ser ignoradas. Se dizemos que o novo profissional em que se transformará o aluno deverá ser um empreendedor, rudimentos satisfatórios de economia deverão integrar seu repertório.

Comunicação é outro tema essencial, que abrange desde a capacidade de um indivíduo se expressar até a habilidade de obter e acumular informações. Ênfase nas comunicações visuais é um ponto central. É preciso que o novo aluno adquira uma competência na comunicação multimídia, dominando a parafernália disponível. O novo profissional não precisa ter um microfone ou uma câmera, se se expressar com clareza. Acumular informações implica saber obtê-las. Nesse ponto o computador exerce papel importantíssimo, mas é preciso atentar que a informática não é a única via de acesso à informação. Ainda sobra espaço para os meios convencionais, como livros e artigos.

E se o aluno se preocupar em valorizar conhecimentos de arte, a formação estará muito perto de atingir o ideal. Como já foi dito, é preciso tomar contato com todas as formas de expressão. Com isso, não só o senso estético se aprimora, mas ocorre o desenvolvimento de uma visão integradora que caminha para aquele anseio universalista, sistêmico, que se espera do novo cidadão.

Avalia-se hoje que, para a maioria das profissões, o tempo de atividade em dada linha abrange entre cinco e sete anos. Após esse período, o profissional precisa mudar de atuação, porque os procedimentos adotados deram o que tinham de dar e novos interesses foram criados. Ele precisará se submeter, ao longo da carreira, a processos de reciclagem. Por isso, no ensino formal, a ênfase deverá centrar-se no conhecimento o mais generalista possível, pois o específico será continuamente mudado e dependerá de circunstâncias e correntes de momento. Portanto vale a batida afirmação de que "o necessário é aprender a aprender".

Os caminhos da educação, mais do que nunca, são os que ensejam a formação de indivíduos plenos, respeitando as fases de desenvolvimento e contando com a arte como veículo de transmissão do saber. Dessa forma, será possível contar com cidadãos livres, autônomos, e o progresso se concretizará sem o fantasma dos homens-autômatos.

A cada geração, os jovens são colocados diante de desafios diferentes. O desta é que precisarão garantir que haja mundo para todo mundo, o que implicará organizar a sociedade sem excluídos. Esse é um problema que até agora não teve solução. Mas para o qual se espera, em função da multiinterdisciplinaridade, possa se chegar a conceber teorias e instrumentos de atuação que materializem novas realidades.

